

«OS AGRICULTORES CONFIAM NA NOSSA GAMA DE PRODUTOS BIO»



A LIPOR gere, valoriza e trata resíduos urbanos produzidos pelos municípios de Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Valongo e Vila do Conde. A empresa produz um correctivo agrícola a partir de matérias orgânicas e prepara-se para lançar um substrato agrícola para diferentes culturas, bem como uma gama de produtos “líquidos”.

A novidade é dada por Fernando Leite, administrador-delegado da LIPOR, que nesta entrevista fala ainda da relação da empresa com a agricultura biológica, com o solo e sobre as prioridades para o sector.

Ana Gomes Oliveira

Que balanço faz destes anos de actividade?

Ao longo da sua existência, a LIPOR sempre colocou a qualidade no topo das suas preocupações, quer seja na eficiência e performances das suas fábricas, como, e muito principalmente, na excelência dos produtos que fabricamos e colocamos no mercado, na obediência que temos às principais normas nacionais que regulam a qualidade, o

ambiente, a higiene e segurança, a responsabilidade social e a inovação, e o foco que temos no cliente. A LIPOR de hoje é uma empresa moderna, sustentável, que cria valor para o País e para todas as nossas partes interessadas, virada para o futuro, para novos negócios, e para um primado na inovação, e na geração de novos produtos e novos serviços.

Há 15 anos foi criada a Central de Valorização Orgânica da empresa, que já recebeu um total de 647.608 toneladas de resíduos alimentares e resíduos verdes. São números expectáveis tendo em conta os objectivos para os quais esta estrutura foi criada?

Completamente. A nossa Central é uma fábrica de excelência, que apenas opera com matérias-primas seleccionadas, que está a laborar à capacidade máxima, estando nós já a preparar um novo projecto para valorizar matéria-orgânica proveniente de recolhas selectivas em produtores comerciais, canal Horeca, centrais hortofrutícolas, entre outros.

O sector agrícola está cada vez mais alerta para a importância da saúde dos solos?

É verdade, nós costumamos dizer que o solo é o único bem que possivelmente não podemos “deslocalizar”. Ele existe onde se encontra, e todos nós, para a nossa sobrevivência e a do próprio Planeta, devemos cuidar do solo, da sua preservação sadia, da sua capacidade produtiva, da sua actividade como fonte de riqueza e até de bem-estar para os cidadãos.

Actualmente, que importância assumem os biorresíduos, nomeadamente na produção do vosso correctivo agrícola?

Em termos de matérias-primas, a base na produção do Nutrimais são materiais orgânicos de elevada qualidade, recolhidos e processados selectivamente, com preparação em túneis de fermentação natural, sem qualquer aditivo, ou conservante.

Que aceitação tem tido o correctivo agrícola junto do sector?

O Nutrimais tem uma boa quota de mercado, em especial nas culturas de “gama alta”, como a vinha, o olival, os pomares, forragens e leguminosas. A quota de mercado é sempre difícil de determinar, atendendo a que há importação de produtos similares, não da mesma qualidade, mas mesmo assim presentes no mercado nacional. Entretanto, e como o célebre “Barca Velha”, só podemos fabricar – pelo nosso processo e dimensão da unidade fabril – cerca de 12.000 toneladas por ano de Nutrimais e é essa quantidade que chega ao mercado.

É muito utilizado no Modo de Produção Biológico?

Os agricultores que trabalham no Modo de Produção Biológico confiam na nossa gama de produtos Bio, quer pulverulento, quer granulado, e cada vez é maior a procura que temos para esse sector.

Está previsto o lançamento de mais algum produto para a agricultura na sequência da valorização que a LIPOR faz de resíduos?

Sim, a evolução da gama de produtos é uma realidade, estando para ser lançado brevemente um substrato agrícola, customizado para diferentes culturas, bem como uma gama

de produtos “líquidos”. É aguardar pelo lançamento desses novos produtos LIPOR.

As medidas tomadas pelo Governo para o sector dos resíduos colocam em causa o futuro do projecto LIPOR?

Sim. O Governo tem vindo a encarar este sector como um sector marginal da economia, criando taxas e custos de contexto que agravam o balanço da LIPOR. Num período de pandemia, onde todas as actividades económicas solicitam apoios e subsídios, o nosso sector nada reclamou, pese embora, sublinho, nunca tenha parado. Sempre tivemos as nossas fábricas em funcionamento, mesmo em modo de excepção e de rigor nas medidas de protecção dos nossos colaboradores. Estamos, apenas, a reclamar que não nos agravem os custos e não nos limitem as receitas. O Governo assim não tem entendido e daí o nosso protesto.

Como tem corrido o trabalho da Unidade de Negócio Internacional da Lipor?

Na área internacional temos vindo paulatinamente a crescer nos negócios contratados, em diversos países, como a Tunísia, a Argentina, entre outros.

A par da actividade principal, também têm desenvolvido outros projectos paralelos. Quais destacaria?

Destacaria como actividades mais recentes, e muito importantes para o nosso futuro, o domínio da inovação. É nesta área que se alicerça a LIPOR do futuro, sendo o nosso foco na questão dos polímeros, dos metais raros e dos novos produtos para a agricultura.

Que marca a LIPOR gostaria de deixar na protecção dos solos em Portugal e na indústria da compostagem?

Para a LIPOR, o solo é um dos activos principais do capital natural de qualquer país, daí preocuparmo-nos com os fenómenos de desertificação dos solos em certas regiões de Portugal. A luta da LIPOR é a favor da preservação dos solos, da luta contra algum abandono da agricultura, e da elevada importação de produtos agrícolas que urge modificar, tornando o País autossustentável. ●

